

Cobertura jornalística sobre a vulnerabilidade social em processos migratórios de nordestinos na pandemia da covid-19

News coverage on social vulnerability in northeastern migratory processes in the covid-19 pandemic

Fabiano Eloy Atílio BATISTA¹
Rita de Cássia Pereira FARIAS²
Débora Pires TEIXEIRA³

Resumo

A proposta desse estudo é refletir sobre as vulnerabilidades sociais e discursividades dos processos migratórios de nordestinos em tempos de pandemia da COVID-19 presentes em matérias jornalistas *online*. Busca-se trazer apontamentos atuais sobre um grupo social historicamente marginalizado, procurando compreender, em meio a uma crise mundial, como esses sujeitos continuam sofrendo diversas “violências simbólicas” que, por vezes, acabam sendo naturalizadas no seio de nossa cultura. Metodologicamente, o estudo se caracteriza como de natureza qualitativa, a partir de uma análise documental de seis manchetes de jornais *online* sobre o referido fenômeno. As análises se deram mediante ao método de Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011). Os dados revelam que, para além de uma série de estigmas sofridos diariamente e historicamente pelos migrantes nordestinos, a mídia, em grande parte, potencializa, difunde e reforça compreensões generificadas sobre esses atores em tempos de pandemia.

Palavras-chaves: Migração Nordestina. Pandemia por COVID-19. Mídia.

Abstract

The purpose of this study is to reflect on the social vulnerabilities and discursiveness of the migratory processes of northeasterners in times of the COVID-19 pandemic present in online journalist articles. It seeks to bring current notes on a historically marginalized social group, trying to understand, in the midst of a global crisis, how these subjects continue to suffer various “symbolic violence” that, sometimes, end up being naturalized within our culture. Methodologically, the study is characterized as qualitative in nature, based on a documentary analysis of six online newspaper headlines about this

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED), da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: fabiano_jfmg@hotmail.com

² Doutora em Antropologia pela Unicamp. Professora associada da Universidade Federal de Viçosa. Líder do grupo de pesquisa do CNPq "Trabalho, sociabilidade e gênero".
E-mail: rcfarias@ufv.br

³ Doutora (2017-2019) em Economia Doméstica pela UFV. Professora adjunta do Departamento de Economia Doméstica e Hotelaria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.
E-mail: deborapite@gmail.com

phenomenon. The analyzes were carried out using the Content Analysis method, proposed by Laurence Bardin (2011). The data reveal that, in addition to a series of stigmas suffered daily and historically by Northeastern migrants, the media, to a large extent, potentiates, disseminates and reinforces generalized understandings of these actors in times of pandemic.

Keys Word: Northeastern Migration. Pandemic. COVID-19. Media.

Introdução

Esse estudo teve como objetivo realizar uma investigação sobre as relações instituídas entre mídia e a “violência simbólica” (BOURDIEU, 2003). Especificamente, busca-se discutir as relações entre as vulnerabilidades sociais e as discursividades sobre os processos migratórios de nordestinos na mídia jornalística *online* em tempos de pandemia da COVID-19, ocasionada pelo novo coronavírus (*SARS-CoV-2*).

Neste estudo, “violência simbólica” é entendida como uma violência que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8). Outrossim, a concepção de vulnerabilidade social, além das questões atreladas a renda, configura-se neste estudo como as fragilidades e desproteção social enfrentadas pelos sujeitos em termos de vínculos afetivos-emocionais, desigualdades de acesso a bens e serviços públicos que, em certa medida, levam os sujeitos a serem negligenciados na sociedade por se configurarem como grupos à margem social (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Dessa forma, pretende-se investigar e problematizar as narrativas jornalísticas que constroem discursividades culpabilizatórias sobre os migrantes nordestinos em tempos de pandemia da COVID-19, pois compreende-se que se trata de um assunto que merece ser problematizado à medida que tais discursividades parecem uma forma de potencializar um estigma (GOFFMAN, 1980) que alimenta um ciclo de violências contra esses sujeitos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020 foi declarada, formalmente, a pandemia por coronavírus (*SARS-CoV-2*) causador da doença COVID-19⁴, que se proliferou rapidamente pelo mundo, causando impactos

⁴ Vírus transmitido, principalmente, por gotículas geradas por pessoas infectadas quando tosse ou espirram – primeiros casos da doença foram notificados em Wuhan, na China, em dezembro de 2019.

significantes na área da saúde e em diversas economias mundiais e no mercado de trabalho (COSTA, 2020). Seus impactos podem ser observados pelas altas taxas de mortalidade que colocaram todos em alerta no que tange aos aspectos ligados a saúde. Além dos efeitos ligados a saúde e ao bem-estar, a pandemia impôs mudança de hábitos e comportamentos. Governos foram obrigados a impor restrições e levantar barreiras sanitárias na tentativa de controlar o trânsito dos indivíduos, com a finalidade de redução das taxas de infecção, dentre as diversas outras medidas para tentar diminuir o número de contágio (FREITAS, *et al.* 2020b).

Diante da complexidade e dos diversos desdobramentos acerca da pandemia da COVID-19, podemos observar tal fenômeno sobre diversos prismas, para tanto, o caráter “ensaístico” da escrita desse estudo é exigência do próprio evento em consideração. Nesse sentido, as reflexões aqui apresentadas podem ser complementarmente revisitadas. É necessária paciência do leitor, pois o momento ainda é de incertezas e nos impede de ter uma visão panorâmica sobre o fenômeno e suas relações com os processos de mobilidade humana. Porém, são urgentes e necessárias reflexões sobre os processos de mobilidade humana, sobretudo dos sujeitos nordestinos que é [e foi] um grupo social tão marginalizado historicamente, e que sofreu impactos drásticos com relação ao contexto da pandemia (SILVA, 2016a; NORONHA, *et al.*, 2019).

Assim, o presente estudo apresenta a seguinte reflexão: quais são as discursividades relativas aos processos de mobilidade de nordestinos em tempos de pandemia da COVID-19 na mídia jornalística online brasileira?

Metodologia

Para execução desse estudo foi realizada uma análise documental, a partir de uma abordagem qualitativa, por meio da qual foi utilizada seis manchetes de matérias jornalísticas *online* que possuíam como temática a migração de nordestinos em tempos de pandemia da COVID-19 no período de maio a julho de 2020, em jornais veiculados nacionalmente de forma virtual. A escolha deste recorte temporal se deu, entre outros fatores, por ser um período em que havia altos índices de contaminação e morte pelo vírus, ocasião em que existia um desconhecimento da população sobre as estratégias de manejo e as consequências da pandemia, bem como suas reais consequências, uma vez que a pandemia estava em seu curso inicial.

A escolha de se trabalhar com esses jornais online se deu, sobretudo, pela “virtualização da vida” e a restrição da circulação de pessoas impostas pelo isolamento social, que foi uma das principais estratégias utilizadas para diminuição do contágio do vírus, o que potencializou o uso da internet como fonte de informação impactando as relações sociais e sendo o uso das tecnologias uma forma de mediação das interações, dentre elas, informação, atividades laborais e de estudos.

A coleta dos dados se deu por meio da utilização de palavras-chave: *migração; nordestino; nordeste; pandemia e COVID-19*, no buscador de informações dos jornais nacionais online: *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Revista Época e Portal G1*. A escolha desses jornais se deu por serem de livre acesso e possuírem reconhecimento nacional. Foram selecionadas seis manchetes, a partir das palavras-chave pré-determinadas e de acordo com o recorte temporal instituído para realização desse trabalho.

Os dados levantados foram registrados a partir do quadro de identificação (Quadro 01), sendo que as chamadas jornalísticas foram classificadas de acordo com: chamada principal da matéria; segundo plano de informações da chamada da matéria, local de publicação onde foi veiculada e a data de publicação. As manchetes foram divididas de acordo com duas categorias analíticas: 1ª Desemprego e volta para região de origem e 2ª Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da COVID-19 a partir do retorno para região de origem, conforme podemos observar no quadro 01, a seguir.

Quadro 01 – Levantamento das chamadas das reportagens analisadas no estudo, divididas por categoria analíticas

Identificação da Chamada	Chamada principal da matéria	Segundo plano de informações da chamada da matéria	Local de publicação da matéria (online)	Data da publicação	Link para acesso
1ª Categoria: Desemprego e a volta para região de origem					
C01	Sem dinheiro por restrições da quarentena, migrantes voltam para cidades	Pessoas relatam dificuldades para sobreviver em meio à pandemia e deixam Sudeste em transportes	Jornal - O Estado de S. Paulo (online)	01 de junho de 2020	https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sem-dinheiro-por-restricoes-da-quarentena-migrantes-

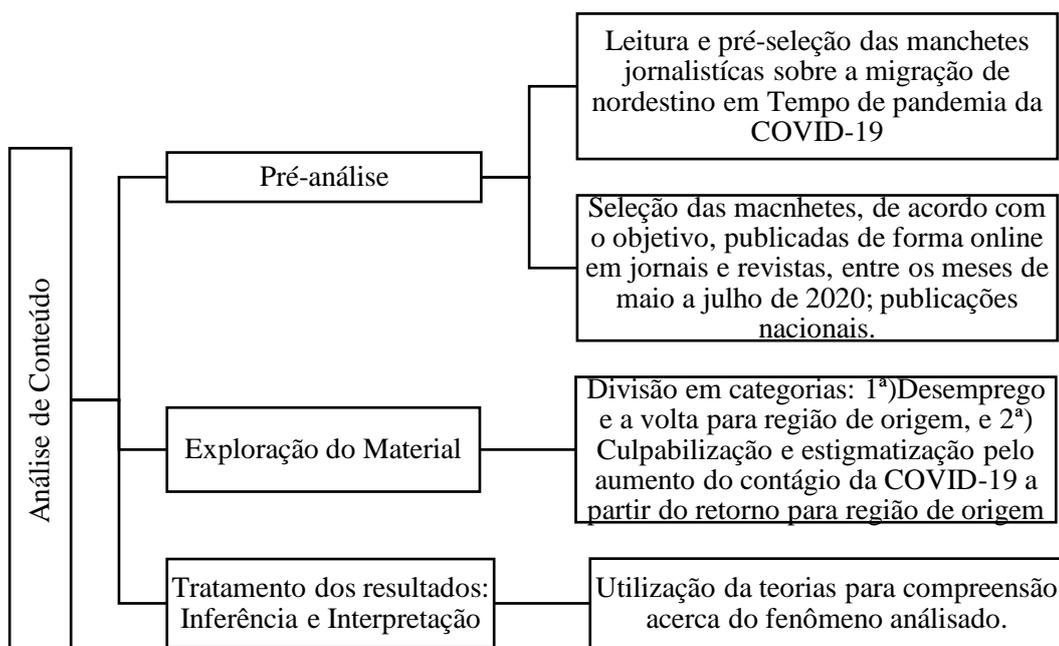
	natais no Nordeste	clandestinos; pequenos municípios nordestinos já registram casos de coronavírus			voltam-paracidades-natais-no-nordeste,70003315951. Acessado em 02 de outubro de 2020.
C02	Migrantes deixam cidades grandes e retornam à terra natal com pandemia do coronavírus	Somente para Afogados da Ingazeira, no sertão de Pernambuco, voltaram mais de 500 pessoas. Retorno ocorre pelo aumento do desemprego ou por medo da Covid-19.	Portal G1 - Globo Rural	21 de julho de 2020	https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2020/06/21/migrantes-deixam-cidades-grandes-e-retornam-a-terra-natal-com-pandemia-do-coronavirus.ghtml . Acessado em 02 de outubro de 2020.
C03	O retorno ao nordeste em êxodo provocado pelo novo coronavírus	Com a crise economia causada pela pandemia, uma onda de desempregados sai do Sudeste e volta para suas cidades de origem no Semiárido	Revista - Época (online)	22 maio de 2020	https://epoca.globo.com/brasil/o-retorno-ao-nordeste-em-exodo-provocado-pelo-novo-coronavirus-24440023 . Acessado em 27 de janeiro de 2021.
2ª Categoria: Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da COVID-19 a partir do retorno para região de origem					
C04	Com retorno de migrantes, Covid-19	Moradores de grandes centros driblam barreiras para	Jornal - Folha de S. Paulo (online)	23 maio de 2020	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/com-retorno-

	avança no Nordeste	voltar a cidades de origem			de-migrantes-covid-19-avanca-no-nordeste.shtm ml. Acessado em 02 de outubro de 2020.
C05	Migrantes levam doença para pequenas cidades nordestinas	Pequenos municípios do Nordeste registram os primeiros casos de coronavírus com migrantes que retornam à terra natal por causa das dificuldades da quarentena nas capitais	Revista - Época (online)	01 de junho de 2020	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/06/01/migrantes-levam-doenca-para-pequenas-cidades-nordestinas.htm . Acessado em 02 de outubro de 2020.
C06	Migrantes levam doença para pequenas cidades nordestinas	-	Jornal - O Estado de S. Paulo (online)	01 de julho de 2020	https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2020/06/epocanegocios-migrantes-levam-doenca-para-pequenas-cidades-nordestinas.html . Acessado em 02 de outubro de 2020.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

As análises dos dados se deram por meio da Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011). Assim, o *corpus* foi organizado a partir de três fases fundamentais, conforme podemos observar na figura 01, a seguir.

Figura 01 – Fases da Análise de Conteúdo, adaptado ao contexto da pesquisa



Fonte: Adaptado de Bardin (2011).

A utilização desse método de análise, de acordo com a autora, busca atingir “[...] procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

Diante da emergência de estudos acerca da mobilidade humana no contexto de pandemia, neste estudo optou-se por restringir somente as manchetes das reportagens como material analítico, uma vez que estas possuem o papel de resumir as notícias e funcionam como uma “vitrine” que atrai o leitor para o texto que segue. De acordo com Cunha (2010, p. 01),

[...] a manchete se torna em muitos casos um aspecto de identificação imediata de um jornal - sobretudo nos jornais sensacionalistas - quase como seu logotipo [...] Para aqueles que se limitam a comprar o jornal e ler apenas os títulos, que não são poucos; ou ainda aqueles que nem chegam a comprar a edição, lendo apenas as manchetes, mais numerosos ainda e cada vez mais no mundo contemporâneo em que as mídias digitais ocupam o tempo antes destinado ao papel, as manchetes

e títulos são a sua completa fonte de informação proveniente do jornal. Aqui, deve-se destacar o caráter informativo dos títulos (CUNHA, 2010, p. 01).

É por meio das manchetes que os leitores terão sua primeira impressão sobre determinado assunto, o que é de suma importância para uma construção discursiva e fonte de informação, pois “[...] os jornais estabelecem através das manchetes sua primeira comunicação com o leitor, imprimindo nelas sua marca” (CUNHA, 2010, p. 01).

Análises e discussões

Após a consolidação das categorias analíticas, a partir da exploração dos materiais, o estudo foi dividido em duas categorias analíticas, sendo a primeira categoria denominada: Desemprego face a pandemia da Covid -19 e a volta para região de origem, e a segunda categoria como: Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da Covid-19 a partir do retorno para a região de origem, mas que, por vezes, se intercambiam tanto em vista que se trata de fenômenos que possuem os mesmos desdobramentos, conforme explicitaremos a seguir.

1ª Categoria: Desemprego face a pandemia da Covid -19 e a volta para região de origem

A crise acerca da pandemia da COVID-19 tem sido analisada sob diversos prismas, como sanitário, psicológico, social, econômico (PAES-SOUSA, *et al.*, 2020; WERNECK; CARVALHO, 2020; NUNES, 2020), contudo, significativamente, um dos temas de maior debate é sobre como esse fenômeno tem atingido diretamente o mundo do trabalho, formal ou informal, sendo este último um dos mais afetados (SILVA, 2020a; COSTA, 2020). Embora todos os países que vivenciam a pandemia estejam passando por problemas em níveis distintos, os efeitos dessa crise são ainda mais devastadores e perversos em países emergentes, como o Brasil.

De acordo com análises e projeções realizadas por Fernando Freitas *et al.* (2020b, p. 21), numericamente, a perda de empregos/postos de trabalhos no decorrer da pandemia da COVID-19 pode atingir um número superior a 510 mil postos de trabalho no setor da agropecuária; 20,5 mil postos na indústria extrativista de mineração; 1 milhão na indústria

de transformação; 637 mil na construção civil; 2 milhões no comércio, dentre outros setores da economia nacional.

Nessa conjectura, Simone Costa (2020) enfatiza que a pandemia tem atingido com maior intensidade alguns atores sociais que vivem situação de “vulnerabilidade social” como, por exemplo, os sujeitos que vivem na informalidade, residentes em zonas periféricas e rurais, que possuem rendimentos abaixo de um salário mínimo, que não possuem acesso a saneamento básico, água potável, moradia, sistema de saúde e os migrantes de forma geral, dentre outras peculiaridades. Delmira Silva *et al.* (2020b, p. 133) enfatiza que “o Brasil [assim como outros países] vem demonstrando não possuir estrutura para o enfrentamento da doença. Em consequência, milhares de pessoas encontram-se desamparadas, o que tem gerado uma catástrofe socioespacial”.

Assim, ao observarmos os aspectos relativos aos migrantes nordestinos (embora não seja uma exclusividade desses), que se encontram, em grande parte, dentro dos aspectos de situação de “vulnerabilidade social”, como mostrado por Costa (2020), temos um cenário alarmante e caótico.

As reportagens do *Estado de S. Paulo*, do *Portal G1* e *Revista Época* (C01, C02 e C03, respectivamente), mostram que essas pessoas foram, deliberadamente, afetadas pela crise que assola o país em decorrência da pandemia da COVID-19.

Além dos fatores que impactavam a realidade desses sujeitos em seus destinos de migração, como falta de emprego, baixa escolarização, carência de redes de apoio, estigmatização, em grande parte, como “supostamente quase sempre “pobre”, “de baixa instrução”, e sem “perspectivas sociais”, [de serem] vistos apenas como um problema” (CASSANIGA, 2018, p. 30); com a crise da pandemia da COVID-19 tais instância se tornam ainda mais intensificadas, fazendo com que esses sujeitos regressem para suas cidades de origem, em sua maioria, sem apoio financeira e em “*transportes clandestinos*”, assim como enfatizado na chamada jornalística da reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Devemos, contudo, pensar na realidade dessas pessoas considerando aspectos que vão além da crise que tem assolado o país e exacerbado ainda mais as desigualdades sociais presentes em nosso território. Esses sujeitos ao migrarem para outros destinos, em especial o eixo Rio-São Paulo, já sofrem diversas violências e desigualdades, que talvez possam explicar como a crise da pandemia da COVID-19 tenha os afetados de forma mais intensa.

De acordo com Edson Marinelli (2007), ao se deslocarem de seus Estados de origem os migrantes, em grandes casos, passam por diversas dificuldades para se fixarem na região de destino, tais como: falta de redes de apoio e vínculos, nível de instrução baixos, falta de emprego predeterminado e moradia incerta. Assim, através de um emprego, muita das vezes subalternos e/ou informais, buscam alugar imóveis e construir suas casas em lugares periféricos das grandes metrópoles. Outrora, essa busca tinha mais possibilidade de se efetivar, se configurando como um “trampolim” emancipatório para que eles pudessem viver na região de destino.

Contudo, em face da falta de emprego, que já assolava o país antes da crise pandêmica e que se intensificou a partir desta, acrescido das precárias condições de vida vivenciadas no local de destino, tais situações se intensificaram em pobreza. Assim, o aluguel e a construção de moradias em lugares periféricos acabam deixando de ser uma opção, pelos custos que devem ser redirecionados para outras necessidades, como alimentação e cuidados com a família. Assim, esses migrantes, em grande parte, acabam residindo em cortiços, casas coletivas, dentre outras formas de habitação precárias e sem infraestrutura e saneamento básico, afastando-se cada vez mais de seus locais de trabalho e dos centros urbanos (onde poderiam buscar por oportunidades). Assim, esses migrantes acabam vivenciando uma série de violências e vulnerabilidades (MARINELLI, 2007). Outros, por vezes, preferem regressarem para sua cidade de origem.

Outro aspecto importante desta realidade é que muitos desses migrantes, especialmente os que não conseguem outra forma de moradia e tampouco regressar para suas cidades de origem, acabam vivenciando situações de rua com suas famílias. De acordo com a reportagem do portal da CNN (2022), houve um aumento de 31% de pessoas em situação de rua no estado de São Paulo (24.344 em 2019 para 31.884 em 2022), caracterizando um aumento de 7.540 pessoas vivendo em condições sub-humanas. Os dados da pesquisa mostram que: 96,44% das pessoas nessa condição são brasileiros natos e apenas 3,56% é composta por estrangeiros. Destes brasileiros, 40,94% são de outros estados do Brasil, sobretudo da região Nordeste (BA e PE), e Sudeste (MG).

Corroborando essa informação, Marinelli (2007) enfatiza que:

É grande o número de pessoas que diariamente chegam a São Paulo, tendo como origem cidades dos Estados do Nordeste. Entretanto, o sonho de uma vida melhor, que trazem ao chegar na grande metrópole, pode não se tornar realidade. Muitos insistem e não querem voltar com a sensação de derrota; outros preferem aceitar que aqui vivem melhor

que lá, e há aqueles que acreditam que podem vencer e se preparam para isso (MARINELLI, 2007, p. 09).

Ao se deslocarem de sua terra natal para as grandes cidades, os migrantes nordestinos trazem consigo a ideia de melhorar de vida e a esperança de dias melhores. Uma vez em São Paulo ou outros estados, as dificuldades enfrentadas na concretização de seus projetos de vida mostram que há uma força dúbia, de atração e repulsão. De um lado, os centros urbanos atraem os migrantes, movidos pelas ideias de progresso, de uma vida melhor, de boa empregabilidade e oportunidades variadas. Por outro lado, os expulsam, alegando que não são produtivos e qualificados, constituindo um “problema social”. Além da expulsão compulsória e deliberada, há a necessidade, em grande parte, de tais estigmas serem veiculados nos meios de comunicação, como um alerta a possíveis migrantes de que são indesejáveis, buscando convencê-los a permanecerem em seus “devidos lugares”.

Os discursos veiculados nas manchetes de jornais, que por vezes são entendidos como meramente notícias informativas, podem ser analisados como retóricas discriminatórias e de ódio, pela exacerbação e demarcação de grupos sociais específicos, em um fenômeno que atinge qualquer outro migrante (não só os nordestinos, como enfatizado em ambas as manchetes). Trata-se, portanto, de uma conduta “punitiva”, “agressiva” e “disciplinadora”. O objetivo dessas manchetes sensacionalistas e direcionadas a atores sociais específicos – migrantes nordestinos – tendem a buscar a manutenção da ordem e das relações de poder que inferiorizam e estigmatizam esses sujeitos.

2ª Categoria: Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da Covid-19 a partir do retorno para a região de origem

Podemos ainda observar nas matérias jornalistas, que o migrante nordestino, além das violências sofridas dentro do processo de mobilidade territorial, ao retornarem aos seus locais de origem, sofrem uma culpabilização e estigmatização pelo aumento dos casos da doença em seus municípios, como podemos observar nas chamadas das notícias C04, C05 e C06, respectivamente.

Retomemos a questão dos estigmas e estereótipos sofridos pelos migrantes nordestinos para que possamos compreender como a culpabilização se configura como uma forma de “violência simbólica” (BOURDIEU, 2003).

Barbalho (2004) enfatiza que as definições das identidades do povo nordestino, e por finalidade do Nordeste [assim como qualquer grupo], não são algo natural, dado, imutável ou geográfico. Segundo o autor, trata-se de uma questão sociocultural resultado de interesses que, em grande parte, convergem em uma tentativa de dominação, separação, superioridade com diferentes propósitos, dentre eles o de se firmar alianças. Essa ideia é corroborada por Albuquerque Júnior (1999, p. 21) quando apregoa que “o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente”. Nesse contexto, marcado por questões históricas, sociais e políticas que as imagens estereotipadas e estigmatizantes do povo nordestino é instituída, tais como: paraibano, baiano (como uma identidade unificada do povo oriundo do Nordeste), sertanejo, cangaceiro (apoio em imagens de figuras populares, como Lampião e Maria bonita), retirante, cabeça-chata, ignorante (em oposição ao homem “civilizado” e educado do Sul-Sudeste do Brasil), dentre outras formas pejorativas. Como enfatizado por Yane Silva (2016a, p. 35), esses estereótipos e estigmas em relação aos nordestinos “[...] trazem a marcação de outros preconceitos como o racial e de classe, transversais na formação cultural colonial brasileira”.

Assim, ao serem culpabilizados pelo aumento do contágio da COVID-19 em suas regiões de origem, a partir do processo de migração de retorno, esses sujeitos acabam por sofrerem uma intensificação dos estigmas que já sofrem diariamente. Contudo, devemos nos questionar sobre o seguinte ponto: será mesmo que os migrantes de retorno são os únicos responsáveis pelo aumento da COVID-19 na região? De acordo com estudos realizados por Natália Marinelli, *et al.* (2020),

Os resultados evidenciaram que a evolução inicial da epidemia de COVID-19 ocorreu de forma distinta nos estados da região [...]. Nesses estados, assim como em quase todas as capitais do Nordeste, encontram-se os principais destinos turísticos que atraem visitantes de todo o Brasil e de outros países. O fluxo de turistas para essa região na alta temporada, incluindo os feriados de Natal, Ano Novo e Carnaval, pode ter contribuído para a introdução do SARS-Cov-2 e sua consequente disseminação. Ainda que os primeiros casos de COVID-19 tenham sido registrados a partir de março, é provável que a contaminação tenha ocorrido há, pelo menos, 14 dias antes, coincidindo com o período de grande fluxo de turistas em

aeroportos, rodoviárias e espaços com aglomeração de pessoas, próprio do Carnaval (MARINELLI, et. al.; 2020, p. 03 – grifos nossos).

Corroborando com os apontamentos de Marinelli (2020), podemos verificar na chamada da reportagem publicada no Estadão, na coluna sobre Economia & Negócios, que a região nordeste foi uma das mais procuradas para se passar o verão no decorrer de uma pandemia que assola toda uma nação. Assim, poderíamos pensar que o processo de migração de retorno de nordestinos para seus Estados de origem não é o único fator que pode contribuir para o aumento do contágio do vírus nessa região, tendo em vista que a localidade foi destino turístico de diversos brasileiros e estrangeiros, conforme podemos observar na chamada a seguir (C07).

Quadro 02 – Chamada sobre o Nordeste ser um dos destinos mais visitados na pandemia

Identificação da Chamada	Chamada principal da matéria	Segundo plano de informações da chamada da matéria	Local de publicação da matéria (online)	Data da publicação	Link para acesso
C07	Nordeste desponta como destino favorito no verão da pandemia	Já os outros destinos nordestinos são capitais estaduais, com a malha aérea, mas desenvolvida. Em casa. Com a pandemia, as pessoas mais	Estadão	12 janeiro de 2021	https://economia.estadao.com.br/blogs/coluna-do-broad/nordeste-desponta-como-destino-favorito-no-verao-da-pandemia/ . Acessado em 27 de janeiro de 2021.

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Nesse sentido, a partir da manchete do quadro 02, podemos observar que culpabilizar um grupo social específico, e historicamente estigmatizado, é reafirmar um discurso de ódio, de intimidação e de “poder” (FOUCAULT, 1987) perpetrado no seio de nossa cultura, ainda que de forma isolada e pontual a partir de um fenômeno específico, que poderá reverberar em outras violências a esses migrantes em seus Estado de origem.

A veiculação da informações sobre o povo nordestino e o Nordeste de forma estereotipada e estigmatizantes, não é algo novo e recente, são táticas usadas a anos como forma de uma manutenção de lugares sociais pré-fixados, ou seja, a visão de um Nordeste atrasado, carregado de misérias, de pedintes e com uma população sofrida, contribuindo para uma perpetuação de discursividades estereotipadas sobre a região e os sujeitos, fixando ideologias que prevalecem ideais de uma região vitimizada, mesmo que essa

região possui uma diversidade cultural significativa e um pleno desenvolvimento. A partir de seus estudos com materiais jornalísticas, Silva (2010, p. 182), enfatiza que há uma persistência nas veiculações midiáticas em relação a esse grupo social, apontando que são discursos violentos que “[...] emergem em uma comunicabilidade que não apenas demarca o mapa que define os participantes da modernidade do Brasil e os *outsiders* [...]”, mas também os “[...] sujeitos que habitam o território da exclusão e do não-humano, mas também conferem, frequentemente sob o signo da dor e da abjeção”.

Considerações finais

Buscamos com esse estudo refletir sobre as discursividades dos processos migratórios de nordestinos em tempos de pandemia da Covid-19 pelo jornalismo online, enfatizando como esse veículo é carregado de notícias sensacionalista. De acordo com Luiza Berti *et al.* (2020, p.153-154), tais discursos se baseiam em um conjunto discursivo “[...] que impregna nos conteúdos um certo exagero e melodramas: a notícia estabelece estereótipos do bem versus o mal, num confronto maniqueísta, que extrapola a realidade”; culpabilizando e responsabilizando os sujeitos nordestinos pelas diversas situações vexatórias apresentadas ao longo do texto e na sociedade capitalista que gera uma série de desigualdades.

Nesse sentido, observamos que, além dos estigmas sofridos diariamente e historicamente pelos migrantes nordestinos, a mídia, em grande parte, potencializa, difunde e reforça compreensões generificadas sobre esses sujeitos em tempos de pandemia da Covid-19 aumentando as violências e violações que esse grupo social já sofre, reduzindo e cristalizando as imagens e discursos sobre esses sujeitos a um caráter homogêneo.

No decorrer das análises sobre as matérias veiculadas, podemos observar que os nordestinos foram alvos, deliberadamente, de um preconceito internalizado na cultura brasileira, que os colocam quase sempre à margem da sociedade, especialmente quando se trata de aspectos ligados à mobilidade humana.

Ademais, a veiculação negativa sobre este grupo social potencializa, difunde e reforça compreensões generificadas sobre esses sujeitos, especialmente em tempos de pandemia, quando percebe-se que esta parcela foi uma das mais afetadas face a sua

realidade migratória historicamente construída e vivenciada por muitos migrantes nordestinos na grande São Paulo e em outras regiões do Brasil.

Referências

AUGE, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/902>>. Acessado em 23 de out. 2020.

BARBALHO, Alexandre. Estado, Mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste Contemporâneo. **ALCEU**, v. 4, n.8, p.156 a 167 – jan./jun., 2004. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n8_Barbalho.pdf>. Acesso em 21 de out. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTI, Luiza. G.; OLIVA, Rodrigo; VELASQUEZ, Fernanda. G. A sociedade do espetáculo no sensacionalismo midiático: a absoluta impossibilidade do Status Quo Ante. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**. Umuarama. v. 23, n. 1, p. 143-157, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/juridica/article/view/8260>. Acesso em 13 out. 2021.

BANCO MUNDIAL. **Perspectivas Econômicas Mundiais**: América Latina e Caribe, 2020. Disponível em <<http://pubdocs.worldbank.org/en/609221588788227652/Global-Economic-Prospects-June-2020-Regional-Overview-LAC-PT.pdf>>. Acesso em 27 set. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública** 2018; 34(3). Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101417>>. Acessado em 21 de out. de 2020.

CASSANIGA, Tafarel. **Nordestinos em Brusque/SC**: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI. - 2018. 123. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00004f/00004f2d.pdf>>. Acessado em 21 de out. 2020.

COSTA, Anna Gabriela. População em situação de rua cresceu 31% nos últimos dois anos em São Paulo. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/populacao-em-situacao-de-rua-cresceu-31-nos-ultimos-dois-anos-em-sao-paulo/>>. Acesso em 01 mai. 2022

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, n. 54, v.4; p.969-978, jul. - ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rap/v54n4/1982-3134-rap-54-04-969.pdf>>. Acessado em 21 de out. 2020.

CUNHA, Diogo da Silva. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão**: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2975/1/DCUNHA.pdf>. Acesso em 21 de maio. 2022.

FREITAS, Fernando Garcia de; MAGNABOSCO, Ana Lélia; BANDEIRA, Andrea Camara. **A pandemia do covid-19 e seus impactos na economia mundial e brasileira**. São Paulo: Confederação Nacional de Serviços – CNS; março, 2020. Disponível em: <<http://www.cnservicos.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Impactos-economicos-do-Covid-19-v11.pdf>>. Acessado em 03 out. 2020.

MARINELLI, Natália Pereira; ALBUQUERQUE, Layana Pachêco de Araújo; SOUSA, Isaura Danielli Borges de; BATISTA, Francisca Miriane de Araújo; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros, & RODRIGUES, Malvina Thais Pacheco. Evolução de indicadores e capacidade de atendimento no início da epidemia de COVID-19 no Nordeste do Brasil, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 29(3), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000300303>. Acessado em 22 de out. 2020.

MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação** - UNG-SER; v.2 n. 1, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/49>>. Acessado em 23 de out. 2020.

NORONHA, Claudia Ayer; VILELA, Elaine; CAMPOS, Marden. “Quem leva a pior?” Nordestinos e bolivianos no mercado de trabalho paulista. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 36, e0082, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100161&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 03 Out. 2020

NUNES, João. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00063120, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000500501&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **ILO Monitor: COVID-19 and the world of work**, 2020. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_743146.pdf>. Acesso em 27 set. 2020.

PAES-SOUSA, Rômulo; LIMA, Nísia Verônica Trindade; BUSS, Paulo Marchiori. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 36, n. 7, e00177020, jun. 2020. Disponível em:

<<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1116/a-pandemia-de-covid-19-uma-criese-sanitaria-e-humanitaria>>. Acessado em 03 out. 2020.

SILVA, Daniel N. **Pragmática da violência**: o Nordeste na mídia brasileira. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística: UNICAMP. Campinas, 2010. Orientação: Kanavillil Rajagopalan. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269110?mode=full>>. Acessado em 22 out. 2020

SILVA, Delmira Santos da Conceição; SANTOS, Marília Barbosa dos; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, 15(4), 128-147, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10722>>. Acessado em 21 Out. de 2020.

SILVA, Yane Marcelle Pereira. **“Esses Nordestinos...”**: discurso de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial de 2014 / Yane Marcelle Pereira Silva; orientadora: Regina Lúcia Sucupira Pedroza. – Brasília, DF, 2016. 152p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22791/1/2016_YaneMarcellePereiraSilva.pdf>. Acessado em 03 out. 2020.

SILVA, Pedro Henrique Isaac. Mundo do trabalho e a pandemia de COVID-19: um olhar sobre o setor informal. In: **Caderno de Administração**, Maringá, v.28, Ed. Esp., jun./2020. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53586/751375150138>>. Acessado em 03 out. 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00068820, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000500101&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03 out. 2020.